

Clube da Luta

edição de Spensy Pimentel

Reunidos no fim de janeiro, num bar em Pinheiros, para tentar atualizar o método platônico do diálogo como meio de parir a Idéia, Alfredo Manevy, Spensy Pimentel, Mauro Baptista, Maurício Hirata e Marcos Cesana. O tema é Clube da Luta, o polêmico filme de David Fincher, e mais cyber terrorismo, Errol Flynn, cinema inglês e Bukowski. Burburinho, piadas, ao fundo uma TV com o jogo Uruguai x Chile, quadrangular final do Pré-Olímpico. Detalhe: o bar é de um chileno, a torcida chilena é grande, e temos o Mauro, um uruguaio na mesa. Desce a primeira cerveja.

Spensy – Eu começo dizendo que não entendi o comentário do Inácio Araújo sobre o filme, na Folha, “fascismo sem máscara”.

Alfredo – Acho que faz sentido pegando aquela cena do filme em que o Brad Pitt começa a recrutar aquelas figuras de cabeça raspada, cujo visual remete aos *skinheads*. Mas dá pra perceber claramente que eles estão ali com outro objetivo, não há nenhum fundamento étnico, e o fato de o BP centralizar o poder é motivo de comédia no filme, não uma legitimação. É uma leitura que vem da iconografia, é um erro, uma leitura rasa.

Mauro – Mas há uma certa confusão no roteiro, nessa passagem, que permite essa leitura: autoritarismo, militarismo,

sacrifício da massa etc. Que há uma confusão ideológica do diretor, que aliás é típica, isso há.

Maurício – Sim, se você pega a ideologia capitalista, essa supremacia do individualismo, ele está tentando quebrar isso, como se dissesse “a sua identidade não é tão importante assim”. O problema é que isso se confunde com a ideologia nazista, que também pregava que você, enquanto indivíduo, é um soldado de um mecanismo maior, é o processo de lavagem cerebral que se fazia na época. É confuso mesmo.

Mauro – Mas isso é proposital?

Maurício – É delicado falar sobre a quebra do individualismo sem cair nessa confusão.

Mauro – Mas ele podia ter optado por uma visão anarquista... Pelo contrário, ele rapidamente vai dizendo que o anti-capitalismo gera um grupo de fanáticos, que vira um grupo fascista.

Marcos – Eu acho que o filme não se propõe a nem uma coisa nem outra. Primeiro ele discute bem o consumismo. Tanto é que a partir do momento que ele começa a frequentar aquelas reuniões de grupos de apoio, realmente ele faz uma apologia ao nosso mundo de hoje e ao consumismo. Quando o personagem do BP entra no filme, há duas coisas: uma, que ele faz parte do nosso conhecido

universo criador-criatura (que ninguém fez melhor que Mary Shelley), ele faz um *Frankenstein* à la anos 90, mas quando ele entra no Clube da Luta, quando ele consegue ter um exército em prol da defesa de seus ideais, ele faz isso a partir não de uma posição ideológica, mas de uma imposição física, porque ele bate mais ou melhor, ou agüenta mais do que todo mundo. Aí ele entra quase por um masoquismo...

Spensy – Me desculpe, mas eu acho que esse discurso ele desconstrói. A porradaria ali é uma reafirmação da masculinidade...

Marcos – Concordo.

Mauro – Os homens encontram sua essência dando porrada...

Marcos – Você não acha que ele perdeu em não explorar mais o consumismo?

Spensy – Mas eu acho que ele explora, até o momento em que ele tem que desconstruir porque está em Hollywood. A partir do momento em que surge o grupo terrorista, ele apela para a paródia. O filme se inverte.

Marco – Você acha que foi um erro, então?

Spensy – Não foi erro, só acho que ele está em Hollywood. A gente chega à velha questão: é possível haver grandeza artística,

um elemento estético mais elevado, num produto pop, que se submete às fórmulas?

Alfredo – Vamos mudar de caminho: qual formato ele usa para discutir os temas? Ele é extremamente subversivo, comparado ao cinema americano contemporâneo. No entanto, é um filme extremamente clássico e americano. Daí o potencial e o limite do filme. Potencial: temos um personagem, o do Edward Norton, que vive o *stress* do dia-a-dia, é alguém com quem o espectador se identifica, ele vai sublimar seus desejos e sua agressividade (algo extremamente americano), e temos o BP, que é tematizado como *alter ego* do espectador dentro do filme...

Spensy – até por isso acho que o melhor modelo não é *Frankenstein*, mas *Dr. Jekyll e Mr. Hyde*.

Marcos – Talvez, é, talvez...

Maurício – Aí é que está: concordo que o filme é extremamente americano, mas ele desconstrói isso também, porque ao mesmo tempo em que ele constrói um personagem com o qual você se identifica, ele constrói a projeção desse personagem, o BP. Normalmente, há dois tipos de heróis no cinema americano: aquele com o qual você se identifica e aquele no qual você se projeta. Ele faz as duas coisas ao mesmo tempo, fundindo progressivamente.

Spensy – Justamente. Quando chega o momento final do filme, em que se mostra que os dois eram um, há a implosão total de tudo o que ele havia construído. No começo, você vinha pensando, “Como deixaram alguém falar

isso num filme de Hollywood?”...

Mauro – Pois eu acho que o filme é paródico e superficial desde o início. Toda essa crítica do filme é muito *light*. O filme, que eu acho pós-moderno, não clássico, porque brinca continuamente com várias linguagens, torna a crítica ao consumismo uma *gag*, diluída, é tudo muito óbvio...

Marcos – É, eu achei um pouco...

Spensy – Desculpe, mas vocês estão se centrando na questão do consumismo quando na verdade ele está falando ali de algo muito maior, a questão da masculinidade. Não como pinto e vagina, mas como caça e pesca, cerâmica e filhos...

Maurício – Algo anterior ao capitalismo... O combate ao capitalismo vem no momento em que você nega o consumismo e retorna para algo mais interior. Como no momento em que o EN está dormindo e se fala sobre uma sociedade ideal, que é uma sociedade primitiva...

Alfredo – Mas isso é um discurso fascista, cuidado. Acho que ele vai bem além do anti-consumismo, que é algo que qualquer ecologista ou comédia romântica faz, é uma coisa que até a TV assimilou. Há algo mais interessante: detectar o inimigo, que é o capital financeiro, hoje. Parece óbvio? Tudo bem, todo o mundo sabe. Mas dizer que se alguém quiser colocar uma bomba hoje tem que ser numa bolsa de valores ou numa empresa de cartões de crédito, é dizer que o rei está nu. Fazer isso num estúdio, num país como os EUA, é interessante. E acho que o filme vai além da crítica do consumo, que está na primeira parte, com o EN sain-

do da sua vidinha de funcionário de uma megacorporação, porque em seguida ele procura não simplesmente detectar os sintomas, mas identificar as causas. *Matrix*, por exemplo, é um filme que detecta os sintomas – há um mal-estar ali, a gente sente, a gente gosta daquilo, é um filme que identifica o mal-estar das grandes cidades, das corporações, desse poder neocapitalista que está aí, que as pessoas sentem mas não identificam o que está por trás. O *Clube da Luta* – só para irritar os paladinos da sutileza – é um filme mais pedagógico, ele tenta explicar o mundo. Esse é o sentido primário da arte: Bertolt Brecht. Toda arte tem que ser fria e simples, como ele dizia. É um filme frio...

Maurício – Frio ele não é... Ele pega pelo estômago.

Alfredo – Mas Brecht também pega. É um filme frio, *cool*, no sentido do distanciamento, que permite que a consciência esteja operando o tempo todo. Isso é que é legal. E na segunda parte ele tenta explicar esse mundo: que existe uma hierarquia de poder, o capital financeiro manda... Tudo com muita simplicidade, com a lógica americana de fazer cinema, mas eu acho que dá um passo que rompe com a norma do cinema americano...

Maurício – Concordo com você, concordo com ele (burburinho). Deixa eu falar, pô! Concordo quando você fala que há esse distanciamento. Tudo bem, é um filme que vai lá e tenta explicar com didatismo quais seriam os problemas do sistema capitalista, quais seriam as possíveis soluções, por mais românticas que sejam, de destruir empresas de cartão de crédito...

Alfredo – É bem prático, não? É bem um guia terrorista...

Maurício – Só que nisso você deixa de lado uma questão importante: há uma identificação clara, é um filme emocional sim, ao mesmo tempo. Porque você se identifica com ele: ele te leva do EN até o BP. Como você sai do homem bitolado, preso, até o homem liberto, o BP do começo. É uma trajetória que se segue emocionalmente, não intelectualmente...

Marcos – Não concordo...

Spensy – Escroto é você ficar pensando como um estúdio americano permitiu que um filme desses seja feito – pra você ver como o capitalismo está arrogante hoje. Eles têm certeza de que ninguém vai conseguir fazer porra nenhuma contra eles...

Mauro – Permitiram porque é um filme pop e paródico o tempo inteiro, um filme que não se leva a sério, é *light*. É um videoclipe da MTV, por isso eles permitem!

Difuso – Não, não, não, está longe disso (confusão)...

Mauro – O EN é um retrato muito simples, o BP é uma projeção imbecil, a Helena Bohan Carter dá outro tom, porque é uma puta atriz, mas uma suicida deprimida, sem motivos, é só estereótipo com que você se identifica. O roteiro está num nível de excelência, bem superior à direção, com esse picareta, David Fincher. Só para dar um exemplo, o *Clube da Luta* é uma idéia maravilhosa. Mas desde o início naqueles grupos de ajuda você vê a misantropia do diretor, se achando superior e

brincando com todas as associações de seres humanos do americanos – são todos punheteiros... Mas no *Clube da Luta*... como fazer toda essa crítica ao consumismo, com o BP sempre mostrando músculo, filmado de um jeito *fashion*... Filmasse o Clube no estilo do Scorsese... Agora o BP, com aqueles músculos marcadinhos...

Marcos – Mas é a utopia, é a projeção das pessoas...

Mauro – Um líder guerrilheiro com estética *fashion*, de academia da Paulista? Isso é utopia esquerdista?

A terceira cerveja enche os copos...

Marcos – Não, espera aí: é uma utopia gay (risos), que o mercado exige. Hoje não existe nenhum jovem ator americano que não passe por isso. O EN é uma exceção, é

realmente um grande ator. Ele consegue se transformar como o Gary Oldman e outros grandes atores. Já o BP é um cara essencialmente bonito...

Spensy – Os outros são gays e o EN é transformista...

Marcos – Não é que o BP seja um mau ator... Em *Sete Dias no Tibet* ele está muito bem.

Mauro – Nossa, é um dos piores filmes que eu já vi na minha vida...

Spensy – *Doze Macacos* é do caralho. BP pra fazer papel de louco...

Maurício – Queria retornar a uma coisa que o Spensy falou. Tem um texto do Jabor sobre o filme que vai exatamente a esse ponto, que foi também o que me



pegou. O Jabor diz: tudo bem, é um filme que vai lá, fala as coisas e tal, mas o que significa isso dentro da indústria? Ele é muito claro: esse tipo de filme, como *Clube da Luta* ou *Matrix*, é o cinema americano em sua maior perversidade. Uma vez que você, que está por cima, faz a auto-crítica, e muito bem, sobra pra quem fazer a crítica? Não sobra. Você falar que há liberdade de expressão, falar mal do sistema capitalista dentro dele mesmo é simplesmente esvaziar qualquer crítica...

Mauro – Esse é um argumento retoricamente válido, mas é uma punheta... Se é isso, não é nada brilhante, é uma estupidez. A questão é como eles fazem a auto-crítica, que no filme é de modo muito superficial, é uma estupidez...

Marcos – Quando eu fui assistir ao filme, duas semanas depois da história do cara que saiu metralhando as pessoas lá no *shopping*, um cara entreabriu a porta meio de repente, todo mundo já ficou assustado olhando pra trás, acho que isso devia ser registrado. Mas o que eu queria dizer: o filme tem uma preciosidade, ele leva o espectador a achar que é o EN, que ele tem problemas de consumo, tem que buscar uma válvula de escape...

Spensy – Desculpe, mas não é bem assim, a carapuça serve pra quem serve...

Marcos – Mas se você se envolve...

Spensy – Eu não me envolvi de maneira nenhuma, não tenho nenhum daqueles problemas...

Marcos – Então eu me expressei errado,

só quis dizer que o espectador se envolve com a personalidade dele... Mas o fato é que o grande erro do filme é discutir várias coisas ao mesmo tempo. Ele tinha que esgotar os assuntos...

Spensy – Mas justamente: esgotar um assunto não é *pop*...

Mauro – Consumismo, clube da luta, anarquismo, terrorismo, que mais?...

Maurício – Todos esses temas estão ligados à mesma questão. Eu vejo uma diversidade, mas não uma falta de coerência...

Spensy – Alguém viu *A Nuvem*, do Solanas?

Negativa generalizada

Marcos – Só sei que tem um monte de gente andando pra trás, isso é muito bom (risos).

Spensy – Esse filme tem uma coisa que conjuga com o *Clube da Luta*, uma idéia que permeia os dois: o neoliberalismo é broxante. O mundo capitalista de hoje é broxante. Em termos reichianos mesmo. É literalmente broxante. Nem sei como explicar...

Maurício – É falta de vontade, falta de tesão pelas coisas, vontade de ficar sentado vendo TV...

Marcos – O que é que mulher acha mais broxante que homem sentado vendo TV?

Spensy – As coisas hoje parecem hoje tão dadas, tão bem acabadas... Querem te fazer acreditar que você não precisa lutar pra mudar nada, você só precisa lutar pelos seus direitos de consumidor etc.!

Marcos – Isso é de extrema importância no filme. Essa é a grande qualidade dele...

Spensy – Consumismo, crise da masculinidade, o que está por trás de tudo isso? É o neoliberalismo, que é broxante. Você não tem mais sonhos, nada por que lutar...

Alfredo – O filme coloca o consumo como doença, e a agressividade como valor, que é uma coisa que o cinema americano nunca fez.

Marcos – Se você dá porrada, se sente melhor...

Alfredo – O cinema americano é sempre humanista no final. Quando o filme termina com aqueles prédios despencando, esse final tem um gesto que é contrário ao do cinema americano em geral...

Mauro – É a regeneração pela violência...

Spensy – Com Pixies ao fundo, é lindo...

Alfredo – É a violência contra o consumo, diferente da agressividade.

Confusão...

Mauro – Mas a violência, a agressividade é um valor americano!

Alfredo – Historicamente, isso é verdade...

Spensy – É mais amplo, é a liberação dos impulsos. Chega de ter seguro de tudo, ter segurança em tudo, usar camisinha sempre... Derrama um pouco de sangue, se bate, se corta...

Mauro – A agressividade é a coisa mais tradicional da cultura americana...

Alfredo – Espera aí, vamos fazer um pouquinho de história. A agressividade esteve presente no cinema americano no *western*, no policial americano, na conquista das metrópoles, das imigrações etc., mas é a primeira vez que a violência vem como defesa do terrorismo. Não há dúvida, eles são terroristas, se tiverem que matar pessoas, eles vão matar, isso fica claro. O filme não é humanista. E faz uma coisa que mesmo o cinema americano mais subversivo desses últimos 20 anos não fez: é terminar com o projeto dos terroristas dando certo. Mesmo Scorsese, Coppola são caras que colocam um paliativo, um *happy-end*. Nesse filme não, ele não abre mão: eles detonam as grandes corporações.

Maurício – Nesse sentido ele é romântico, é catártico, porque ele te faz acreditar que é possível isso, por mais simplista que pareça, que você pode chegar lá e quebrar o negócio mesmo. Te dá vontade de ir lá e quebrar alguma coisa.

Marcos – Será que levando em conta esse cinema catártico, o cara que metralhou as pessoas no cinema não poderia ter visto antes o *Clube da Luta*?... Ele não metralhou durante a *Noviça Rebelde*...

Alfredo – Mas ele disse que não tinha visto antes o filme...

Spensy – Não deixa de ter um significado...

Marcos – Ele derrubou os prédios, de certa maneira...

Spensy – Que nada, é só um imbecil.

Maurício – Por que ele teria escolhido justamente o Morumbi Shopping, em vez do Center Norte?

Alfredo – Ele não entrou em nenhuma butique, ou na Forum...

Spensy – Imagina, ele foi ao *shopping* porque também era um *playboy*.

Maurício – Tem razão, é tudo ridículo...

Marcos – Gostaria que vocês falassem do que acharam do filme tecnicamente.

Mauro – Espera só um pouco, é só um comentário. A questão da luta, da porrada é bem interessante, é algo clássico na cultura americana, e o filme propõe um resgate dessa idéia em bases bem americanas.

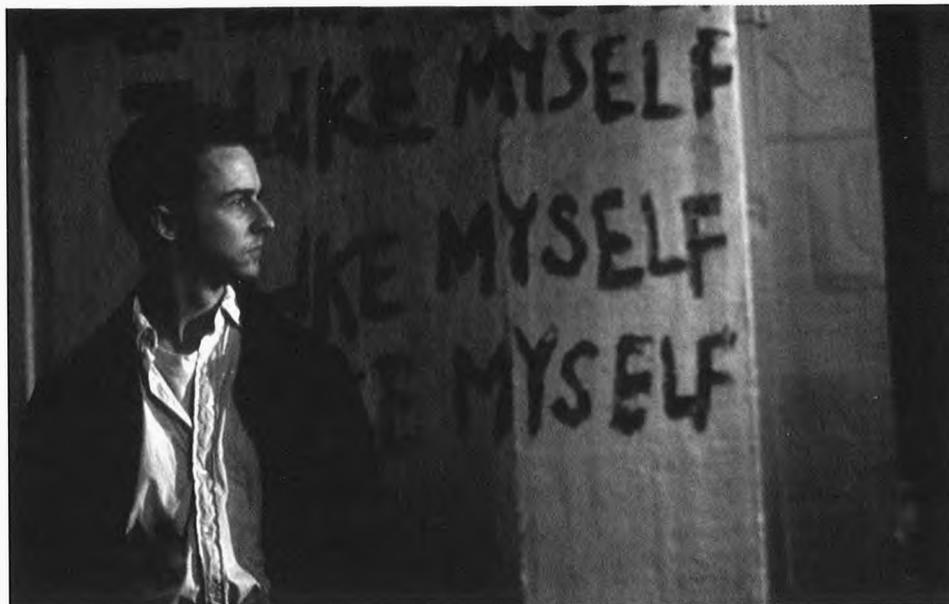
Há vários livros sobre Hollywood, contando que esse pessoal como John Huston e Errol Flynn, quando iam a uma dessas festas estúpidas de Hollywood e não pintava nenhuma mulher, saíam para o jardim e iam trocar porrada, até cair. Isso é uma coisa que na América Latina não é tradição, é uma coisa bem americana. Eles têm uma ligação muito forte entre violência e masculinidade.

Confusão...

Difuso – Interessante...

Mauro – O boxe é fundamental. O John Huston fazia boxe. O Bertolt Brecht também – está certo, ele é alemão, mas a Alemanha tem grande peso cultural nos EUA. Muitos outros caras de Hollywood também faziam boxe...

Spensy – Não tinha visto isso em nada do que se escreveu sobre o filme...



Outro dado bem americano: os EUA são um país onde um moleque de 7 anos foi processado porque beijou a coleguinha de escola. É um país onde as pessoas praticamente não se encostam... Relou em mim eu te processo.

Marcos – Nesse sentido, o filme é uma revolução.

Mauro – Aí é outra coisa, há uma associação com o estupro, o erotismo. Homem batendo em homem não é uma revolução, é uma tradição.

Spensy – É uma recuperação da tradição.

Mauro – Mas é diferente da relação entre homem e mulher...

Spensy – Aí já é a questão da viadagem americana, que é intrínseca...

Marcos – Homem batendo em homem é uma coisa super figurativa. O grande lance é o que o Alfredo falou, as corporações sendo derrotadas. O terrorismo ganhando força, de uma certa maneira. Então, isso, nesse sentido, dentro do cinema americano, opa, opa! Não sei qual foi a distribuidora, o estúdio...

Chega outra cerveja.

Spensy – Ninguém leu alguma entrevista com os caras?

Alfredo – Eu li. O David Fincher é um cara que parece muito consciente tecnicamente. É um cara que se coloca como um artista dentro da indústria, tem como referência pessoal o Stanley Kubrick, mas

não sei se tem muita consciência ideológica do que está fazendo. Ele não usa palavras como anarquismo ou terrorismo, mas o cara que escreveu o livro que eles adaptaram é um anarquista *punk* americano famoso, e Fincher sabe disso, é claro, é um autor de *best-seller*. Mas tem uma coisa no roteiro que eu acho fundamental e explica um pouco as coisas boas do filme, que é a opção pelo recurso do *flashback / voz over*: começa com o cara com uma arma na boca e vai explicar como ele chegou até ali. Isso faz com que a montagem tenha de se adaptar à voz que articula o pensamento. É uma montagem ágil, rápida, que vai na velocidade do raciocínio, então é um filme que está dentro da tradição do filme *noir* dos anos 40 e 50, que usa muito esse recurso. Ele atualiza essa tradição, com muita vitalidade, o que leva o filme a ser analítico, preocupado em explicar, analisar e dar conta desse mundo que *Matrix* sentiu, mas não deu conta de explicar. Claro que isso na tradição americana, pois os europeus já fizeram isso há décadas...

Spensy – *Matrix* chega à metafísica...

Confusão – gravação interrompida – a cerveja subiu. Outro gol do Chile, a torcida comemora ao redor.

Marcos – O *flashback* do EN vem acompanhado de um coadjuvante que é ele mesmo, mas encarnado no BP. Isso é interessante.

Difuso – Mas a descoberta disso só se dá no final...

Marcos – O *flash-back/voz over* não é algo usado hoje em dia...

Mauro – Nos anos 40 era usado direto...

Marcos – Voltando ao que haviam dito já no começo: o Nelson Rodrigues dizia que “quando um cretino fundamental sobe num caixote, milhões de cretinos fundamentais o seguem”. O BP tem algo assim...

Mauro – E a cena que ele vence recebendo porrada, como vocês explicam?

Marcos – Boa pergunta

Maurício – também acho esse trecho complicado. Acho que é mais um tipo de protesto possível, dentro do terrorismo. Um protesto suicida, como Gandhi.

Marcos – Aí entra o masoquismo, que é forte dentro do filme: apanhar pra se libertar.

Spensy – vocês estão levando demais para um lado...

Mauro – Um prazer em apanhar.

Confusão, risos...

Mauro – O Bukowski tem muito disso...

Spensy – Não é por aí, ele é um *outsider*... Dentro de uma sociedade apolínea, que prega exatamente esse “não me toque”, ele é um cara que sai pro mundo, dá a cara pra bater, e vai... Não é masoquismo, é ter uma postura aberta diante do mundo. Vai apanhar, beleza, vai bater, beleza...

Mauro – Mas ele faz um culto por beber, encher a cara, procurar briga por briga, e se ele perde não interessa...

Marcos – Opa, licença. Já li muito Bukowski e acho que esse culto à bebida tem muito a ver com o fato de ele não acreditar que a sociedade vá melhorar. Isso o filme tem.

Spensy – Não é isso, não é isso. Você está falando de uma sociedade que, em termos materiais, já melhorou tudo o que tinha de melhorar, um país que domina econômica e culturalmente o mundo. Eles exportam cinema pra todo o mundo, impõem a língua pra todo o mundo, até os guaranis de Mato Grosso do Sul estão aprendendo inglês...

Confusão (discordância sobre o conceito de cultura – alguém exclama que “cultura é livro”). Chega a quinta ou sexta cerveja, já perderam a conta...

Spensy – O que interessa é o *money*... Quantos americanos aprendem *quechua*? Você está com um conceito de cultura totalmente diferente do meu. Já que é pra ser cuzão, tudo bem: estou falando de cultura como conceito antropológico. Ponto.

Alfredo - Questão de ordem. Dentro do filme os personagens estão satisfeitos com a cultura americana... Se ela avançou ou não, é uma questão de referências...

Spensy – Espera aí: não há satisfação, muito pelo contrário. Existe lá o *american way of life*, mas aquilo é uma bosta. Todo mundo está materialmente bem, mas...

Nova confusão...

Spensy – A insatisfação é aquela da geração *beat*, que se apropriou do espírito *bop* e tal... A maioria não quer melhora, porque

acredita no *american way of life*...

Mauro – Opa, 20% da população americana está fodida materialmente...

Spensy – Eu estou falando de dados macroeconômicos: PIB, índice de desemprego...

Confusão – Mauro acha que Spensy está apoiando o discurso neoliberal.

Mauro – Há muitos países com índices de IDH superiores...

Confusão...

Alfredo – Está-se fazendo confusão entre *Beatniks*, Bukowski e *Clube da Luta*. Bukowski, no fundo no fundo, é humanista pra cacete. Tem toda a dignidade humana nos textos dele... *Clube da Luta*, eu não vejo essa dignidade. O culto à agressão, eu vejo mais como uma forma de comunhão, eles só conseguem comungar assim... Estamos falando da sociedade que mais assimilou o cristianismo através da violência...

Spensy – Mas o filme é humanista pra cacete...

Alfredo – Nem fodendo.

Spensy – Mas é como aquela história de que você pode fazer muito mais bem pra uma pessoa dando uma porrada na cara dela do que passando a mão na cabeça...

Confusão

Maurício – É um filme romântico. Através da violência, mas é romantismo...

Alfredo – Imagina, o filme acaba com cinco prédios caindo...

Spensy – Mas dá tempo de todo mundo escapar...

Alfredo – Tem uma cena em que o BP diz “sua vida não vale nada, você vai morrer” A vida individual não vale nada... Humanismo não, o princípio é: salvaremos uma vida antes até da humanidade, uma criança, uma vida é tudo. Isso é humanismo.

Spensy – Mas a única morte que acontece no filme desencadeia toda uma tempestade no filme...

Alfredo – Desencadeia uma crise humanista no EN, que o leva a traír seu *alter ego*, o BP, mas ele perde no final! O filme prevê o humanismo do espectador, o EN tem a crise, junto com o espectador, mas no final o BP vence o debate...

Maurício – Ele assume a direção do movimento terrorista e no fim matar uma pessoa realmente valeu a pena para derrotar as corporações... Pra fazer o omelete, precisamos quebrar ovos. No final o EN se convence disso.

Alfredo – Gente, o filme termina com Pixies e os prédios despencando. O filme compra esse anti-humanismo!

Maurício – Nisso ele foi radical, algo que o cinema americano nunca faz. Uma hora e meia na construção do personagem, e ele vai morrer...

Difuso - Realmente... Mas, encerrando a discussão:

Marcos Cesana – É um filme que começa falando sobre o consumismo, mas mais profundamente fala sobre a falta de ideologia que hoje as pessoas têm e especialmente sobre a apologia do individual. Sobre a violência, duas coisas: na sociedade americana, você bate para descarregar, é um fato cultural deles. Por outro lado, receber porrada é uma outra maneira americana de se libertar. É um tipo de masoquismo. Em suma é um filme superinteressante para quem está na cultura americana e também para quem está no Brasil vê-los falando de suas próprias deficiências...

Spensy – É o seguinte: o neoliberalismo é broxante e é preciso haver mais obras de arte que estimulem as pessoas a sair do torpor em que estão. Mesmo que seja *pop*, um clipe da MTV ou um filme de Hollywood,

é o que está dando pra fazer ultimamente. E cultura é garrafa de cerveja escura, 600 ml, não aquela de 300 ml, transparente de miijo (inclusive note o individualismo americano até na garrafa de cerveja). É isso.

Alfredo – É um filme formidável no contexto do cinema contemporâneo. E o Jabor, eu acho que tem uma pontinha de inveja naquele artigo dele. Porque no fundo, duro é admitir que os americanos fizeram um filme que o resto do mundo devia ter feito faz tempo...

Mauro – Puta que o pariu!

Maurício – É um filme extremamente bem construído, porque consegue unir duas coisas que em geral estão muito separadas no cinema: intelecto e emoção. Ele consegue desconstruir com clareza todo o sistema neoli-

beral e ao mesmo tempo aponta soluções possíveis, é um manual terrorista. Ao mesmo tempo, te causa uma reação emocional tão forte que te dá vontade de agir. Agora, complicado é saber até que ponto essa crítica dentro do sistema tem efeito, afeta alguém... Será que alguém sai do cinema com vontade de destruir as corporações ou só sublima seus impulsos terroristas?

Alfredo – Nós intelectuais precisamos de filmes como esse para sublimar nossa agressividade...

Risos...

Mauro – A paródia, o tom de humor adolescente, o estilo querendo sempre evocar a MTV e os videoclipes desmontam a radicalidade do discurso que estão defendendo aqui. É um filme formalmente muito interessante como experiência, mas que o discurso fica muito prejudicado pela linguagem superficial. Agora, para uma boa crítica ao neoliberalismo, seria bom ver o cinema inglês, como o *Riff-Raff* de Ken Loach e o *High Hopes* do Mike Leigh... Depois de *Clube da Luta*, só dá vontade de fazer musculação e dar porrada, o terrorismo ali é surreal. O *Riff-Raff* termina com um grupo de proletários que queimam o prédio onde trabalhavam. São caras como a gente, que queimam o símbolo do capitalismo. No *Clube da Luta* não, você vê o EN, que é um pirado estranho, o BP que é um viadinho musculoso, são figuras longínquas...

Mas eu termino dizendo que ainda quero fazer um filme com o Brad Pitt algum dia. Tchau.

Risos...

